

Divagando...

HEITOR DITZEL

Folheando velho album, onde guardo antigas fotografias —colocadas sem maior preocupação de ordem cronológica—, deparei com uma, datando do longínquo ano de 1926. Fixa quase uma centena de crianças—gurís e meninas—, essas em maior número, de idade variando, quero dizer, entre 7 e 10 anos.

Todos de cara séria (ninguém sorrindo!), olhando fixamente para a objetiva. Os meninos, todos de braços cruzados; e algumas meninas também. Será que os homens são sempre mais disciplinados?...

Além de nós, crianças, aparecem na fotografia, ladeando o grande grupo, a Irmã Zelata, diretora, e a Irmã Simplícia. Pois, senhores, a fotografia nada mais é que um apanhado do 1º. ano do curso primário do Colégio Sant'Ana, nós idos de 1926.

Se eu disse que ninguém sorria, não disse bem: porque as duas Irmãs na fotografia estão sorrindo, na candidez das suas almas santas. Mas não só, os alunos: a objetiva nos apanhou com ar sisudo e grave, como se estivéssemos posando para a posteridade...

A Irmã Simplícia era a nossa Professora no 1º. ano; e lecionou diversas gerações, mas sempre na série inicial. Foi Professora de muitos que, anos depois, mandaram os filhos para o Colégio, e êsses foram encontrar ainda a Irmã Simplícia ensinando no primeiro ano do curso primário. Santa e bondosa Irmã... Não sei de ninguém mais com tamanha paciência para fazer entrar em nossas cabeças rebeldes as

complexidades do abc... E que nos pudesse fazer cantar com mais entusiasmo a tabuada.

Ora, quem de nós, seus ex-alunos, não se lembrará com saudades da Irmã Simplícia?

Pois a Irmã Simplícia não está mais em Ponta Grossa, para onde veio bem moça ainda e donde saiu bem velhinha.

Tôdas essas lembranças vêm agora, porque o Colégio Sant'Ana—por onde passaram verdadeiras legiões de pequenos pontagrosenses, em busca das luzes das primeiras letras—, o Colégio Sant'Ana, dizia eu, está prosaicamente à venda. Isto é, todo o terreno e o prédio em que funcionava a Escola, aquele prédio de construção singular da Praça Barão do Rio Branco.

Já foi vendido o terreno em que se achava a "Escola Verde"—como a chamávamos—, vetusto casarão de madeira, situado à Rua Coronel Cláudio, e que fazia parte do patrimônio do antigo Colégio.

E não vos cause espécie se amanhã verdes surgir, em seu lugar, uma casa comercial qualquer. E não vos espanteis tão pouco se for vendido em lotes o enorme terreno do Colégio, e se êsse último se transformar vulgarmente num hotel ou mesmo num depósito comercial.

Dizem que é o progresso que requer tôdas essas transformações. E porque razão, afinal, estou eu escrevendo essa crônica sem compromisso?

Afirmam — e eu também acho — que o atual Colégio Sant'Ana é deveras majestoso, imponente nas suas linhas puras e modernas. Pode ser; po-

de acontecer até que as minhas filhas, que lá estudam, guardem dele, no futuro, recordações que os anos não conseguirão apagar.

Para o meu pobre coração sentimental, porém, as suaves lembranças são para o "velho" Colégio, se bem que alguns o julguem arcaico. Mas êsses pouco entenderão de poesia, certamente.

Lá vai um segredo: Saibam os senhores que eu até estive interno no Colégio Sant'Ana (interno, sim!), por alguns meses, nos meus tempos de infância, em meio de umas oitenta meninas... Pois é! Éramos dois garotos, entre toda aquela gente de saías: eu e um velho companheiro de inúmeras travessuras incríveis, — inocentes sim, mas que às vezes punham em polvorosa o Colégio todo e muita dôr de cabeça davam às bondosas Irmãs...

Mas, porque relembrar tudo isso?

Nessa época materialista em que vivemos, a agitação da vida moderna não permite que darmos na recordação dos tempos que, aí de nós!—não voltarão jámais.

Relembrar, porém, é bom; dizem que recordar é viver...

E, se guardamos sempre conosco algo dos nossos tempos de criança; se não nos é possível retornar àqueles anos felizes e descuidados da infância, porque então não recordar?

Quando o utilitarismo dos tempos atuais leva de roldão algo a que estivemos ligados por profundas razões sentimentais; quando vemos desaparecer alguma cousa que conhecemos desde a mais remota in-

fância e nos traz tão gratas e longínquas recordações, a gente sente tanto como se estivessem tirando algo do nosso próprio coração.

Porque será que a gente tem dessas sentimentalidades?

Ponta Grossa — novembro de 1950.